

NOTA DE EDITORES

A Revista Antropolítica tem se destacado pela capacidade de abrigar artigos originais de autores brasileiros e estrangeiros que se dedicam a problemáticas diversas, em campos etnográficos vastos. Portanto, tem privilegiado a circulação de pesquisas cujos enfoques são heterogêneos e a circulação internacional do conhecimento antropológico produzido contemporaneamente. A revista, nesses termos, está em estreita consonância com a consequente política institucional do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF no que diz respeito a consolidação de um canal de comunicação que permita a difusão e democratização da produção antropológica (e de outros campos das Ciências Humanas), acolhendo a produção intelectual de jovens e consagrados professores e pesquisadores do Brasil e do exterior. A orientação acadêmica da Revista está em sintonia com os pressupostos contemporâneos da qualificada produção intelectual por abrigar em seus números a heterogeneidade de temáticas, perspectivas e linhagens que encontram eco nas diferentes “escolas” do pensamento antropológico. No número 36, correspondente ao semestre de 2014, publicamos artigos de excelência reconhecida no campo intelectual das Ciências Sociais que vem fortalecer as redes de pesquisadores no Brasil e no exterior com as quais mantemos intercâmbios sistemáticos por meio de inúmeros convênios internacionais e parcerias institucionais.

Iniciamos este número com a publicação do dossiê temático organizado pela professora Eliane Cantarino O’Dwyer, intitulado, *Conflitos Ambientais: saber acadêmico e outros modos de conhecimento nas controvérsias públicas sobre grandes projetos de desenvolvimento*. Os artigos tratam de diversas situações sociais nas quais se contrapõem “comunidades” minoritárias, tais como indígenas, quilombolas, populações tradicionais e outras, aos grupos econômicos e atores institucionais hegemônicos engajados em projetos desenvolvimentistas e modernizadores construídos no âmbito de Estados-Nação. O dossiê revela que estes projetos estão frequentemente envolvidos em controvérsias públicas, contestados por grupos que desenvolvem distintos usos

e sentidos de certos objetos, tais como ar, águas e sistemas vivos, não regidos pela lógica do mercado e da noção de propriedade privada.

Na sessão de artigos, Augustín Barna, com seu texto intitulado CLASIFICACIONES Y ESTIMACIONES EN LA GESTIÓN DE LA INFANCIA “COM DERECHOS VULNERADOS”. Prácticas cotidianas de intervención en un dispositivo estatal del conurbano bonaerense, interroga-se, a partir de um trabalho de cunho etnográfico sobre as junções e injunções existentes nas políticas de proteção à infância, desvelando as redes e dramas que se constituem na relação entre os atores e as instituições. O artigo COTIDIANO E POLÍTICA DA LUTA POR MORADIA NO CENTRO DE SÃO PAULO, de Carlos Filadelfo, toma emprestado o Movimento Sem Teto do Centro como lócus privilegiado para compreender as complexas confecções do fazer a política a partir da vida cotidiana. O trabalho de Elizabeth Espindola Halpern e Ligia Costa Leite, intitulado “UNIFORME” E O “COPO”: ENTRECruzamentos (DES)NECESSÁRIOS, busca refletir sobre as formas de apropriação do álcool no interior da Marinha de Guerra, focando-se numa pesquisa de natureza sócio-histórica. Publicamos também, o artigo ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS E AMIGOS DO FUNK: PROTESTO POLÍTICO E FUNK - RESGATE NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO, de Luciane Soares Silva, visa compreender determinados vocabulários de motivações de natureza cultural, como as rodas de funk se convertem em importantes dispositivos políticos de conformação das mobilizações coletivas e formas de contestação do acesso à cidade. Por fim, publicamos uma tradução de um importante artigo de P. H. Gulliver no qual se analisa sua etnografia sobre os Ndendeuli, cultivadores nômades do leste de Songea, sudeste da Tanzânia.

Na sessão Olharez Cruzados, a pesquisadora Mirian Alves, em decorrência de sua experiência de campo no Canadá, lança instigantes interrogações sobre a produção internacionalizada do conhecimento antropológico.

Os trabalhos originais ora apresentados neste número podem servir para a ampliação do diálogo e da pluralização dos olhares sobre o fazer antropológico.